



O Gaiato

17 DE JUNHO DE 1967
ANO XXIV — N.º 607 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR PADRE CARLOS

FUNDADA POR Padre Américo VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Aqui Lisboa

Quem sonha cria, no sentido humano do termo. Não vos admireis, pois, que falemos aqui muitas vezes da nova aldeia do Tojal. Vemo-la em inúmeras circunstâncias e a propósito de tudo e de nada, na mente. O que está no coração parece ser real a quem ama. Os que têm fé não sentem dificuldades, mesmo parecendo atrevimento trabalhar dentro das nossas normas. As escolas, às pocilgas e aos aviários seguem-se às oficinas, que prevenimos custarem mais de mil notas de conto. Sem dinheiro nem cálculos especiais, pensamos pôr em andamento, para breve, a abertura dos caboucos e caminhar firme em frente, embora lentamente, como é

óbvio. Contamos com os nossos amigos. O desânimo, como vos tenho dito, deve ser expressão banida do nosso vocabulário. O cimento, os tijolos e o ferro, para lá do restante, são indispensáveis. Acreditamos em Deus e em vós.

xxx

Queremos queixar-nos dos «cães». Não dos mamíferos fiéis companheiros do Homem, mas das queles que, se não fazem sangue, muito perturbam a vida duma Casa como a nossa.

Vivendo, essencialmente do trabalho, não é a primeira nem a segunda vez que somos vítimas da nossa boa fé. As nossas oficinas e escolas, sobretudo, têm sido

as grandes prejudicadas. Há neste mundo, para mal dos nossos pecados, muita gente inconsciente, para quem lesar os pobres não provoca perturbação de maior. Se fôr preciso leva-se vida à larga e até em passos menos dignos. Enganar os outros é o lema. Desculpem o desabafo, mas sentimos bem a ferradela de tais «mamíferos». Deus é grande e justo, eis a nossa consolação, sem azedume ou ódio para ninguém.

xxx

Entre os donativos que nos chegam, alguns causam-nos profunda impressão. Ao acaso respigamos dois: o primeiro de umas

Cont. na página 3



ESGUEIRA — DIA DE INAUGURAÇÃO



PATRIMÓNIO dos Pobres

Quase afogado por pedidos que de todo o lado chovem, para casas do Património e, sobretudo, para «telhas» que damos no regime já conhecido dos «pequenos auxílios» — eu dou aqui à estampa dois recados de correspondentes nossos.

O primeiro é de uma veneranda velhinha de Ponta do Sol — Madeira, que eu muito bem conheço sem nunca a ter visto, do sol que irradia daquela Ponta, nascido da sua inquietação de bem-fazer:

Quando tiver a sorte grande reparta comigo para concertar mais pardieiros que estão à espera.

Não se pode dizer mais em menos palavras: Ela pede para si e para nós o de que muito estamos precisados: uma bolada como foi o cheque de Hong-Kong há anos e aquela metade de uma sorte grande de 1.000 há menos tempo.

A segunda carta é um programa de um homem que se apresenta assim:

Chamado há cerca de três anos a um C. C., ele foi para mim uma paragem na vida. Fez-me voltar a cabeça para trás; e, olhando para o caminho vencido, arrependi-me; e, ao pensar no que me falta percorrer, tenho fé.

E como ele não quer ficar em florescências verbais e piedosas, mas entendeu de vez que a vida cristã se mede pelos frutos e estes da espécie do Amor, que são os frutos divinos — ei-lo determinado, mais o seu grupo, à acção.

Oiçamos então a sua proposta:

Viajando em transporte público estabeleci conversa com um chefe de família numerosa — 9 filhos menores — que alegremente o acompanhavam. Servente de pedreiro, não se mostrou infeliz por ter tão grande «prole». Apenas se lamentou, e muito relativamente, por não ter uma casa, — ele que tantas tem ajudado a construir — e viver numa barraca onde, de certo, a promiscuidade transborda.

Este encontro teve para mim o mérito de «acordar» mais uma vez a minha atenção para os irmãos que vivem, não só em barracas como este, mas sem barracas e na mais degradante miséria.

Aquele irmão fez-me também recordar, hoje que tanto se fala em limitação da natalidade, como é possível viver, na relativi-

Filhos ilegítimos?

Ao longo desta série de artigos julgo suficientemente mostrada a perspectiva do legislador, relativamente à filiação, classificando por igual causa e efeito, como se este fôsse uma emanância inerte, meramente material, da causa e não um ser vivo dotado de alma imortal, destinado por Deus à dignidade de Seu filho e Seu herdeiro e não de escravo da condição particular em que nasceu.

Parece-me o seu juízo como o de alguém que, condenando justamente o acto viciado, ilegítimo, da plantação de uma macieira em terreno alheio, conclui do abuso a viciação das maçãs... Valha-nos Deus! Que terrível, que injusta confusão que tantas vítimas inocentes produz! Pois há-de um acto transitório, ilegítimo, marcar para sempre como um ferrete de ignomínia, um homem que

não tem responsabilidade alguma nesse acto?...

A equiparação dos filhos ilegítimos aos legítimos não só não é uma utopia como há-de ser uma preocupação da lei no exercício medicinal que lhe compete frente aos problemas que a fraqueza ou a malícia dos homens levantam. A lei é a norma da Justiça. A lei põe quando ordena e regu-

Continua na TERCEIRA pág.

CONTINUA NA TERCEIRA PÁG.

AGORA

Cá vai a saída: primavera da Procissão. Abre-a o pendão das Casas para que vários concorrem: duas presenças de 150 cada para a Casa dos Licenciados, do mesmo apaixonado que, segundo creio, iniciou esta casa e tão pouco acompanhado tem sido. A Casa Rainha das Virgens cresceu uma pedrinha de 50\$. A de Nossa Senhora do Carmo, uma pedra maior de 240\$, «para que a casa seja mais depressa uma realidade» e este desabafo tão justificado:

«Desde que nos casamos temos vivido em 3 casas assoalhadas por 1.110\$00, por mês, por isso quase 50 mil escudos sem proveito para o futuro. Agora vamos para uma de rés-de-chão, com 3 quartos interiores e uma sala para a frente com 2 janelas e uma marquise para trás, por 1.800\$ por mês. Tivemos de arranjar casa maior por termos 2 filhos com sexo diferente e sentimos a necessidade de lhe dar um quarto.

Veja o Senhor padre quanto sacrifício não têm de fazer as pessoas das cidades grandes para o problema habitação. O pequeno comerciante não tem lei 2.092 por isso não se pode abalancar à compra de andares, pois se pedem cá por 4 assoalhadas 600 contos, como é que se lhe pode chegar?!

Desculpe esta carta, mas nós, a obra, e o gaiato somos uma família, por isso estas conversas só se têm em família, não é assim?

É mais 100\$ para cada uma das três casas iniciadas pela mesma Amiga de Bragança: Casa N. S.ª de Lourdes, Meu Aniversário e Sta. Maria. E informamos a nossa correspondente que a Casa de N. S.ª de Lourdes vai em 7.115\$90.

Segue o estandarte dos de todos os meses. É a Odete de Viseu (de Julho a Dezembro de 1966). É Berta e Jorge. Mãe Maria do Pequeno Loure. É a que pede a conversão de um chefe de Família. É o Sr. Major do Silêncio. Todos com uma presença quádrupla.

Agora é a vez dos Eventuais:

É Isaura Maria, de Lisboa, com 300\$. É a Fernanda, do do Porto que «aproveita a ocasião da assinatura para juntar 20\$ para a Campanha dos 30.000x20, um pouco esmorecida». Tem razão e é pena! É o assinante 29.783 com outro tanto para o mesmo fim! É M. Rebelo com 250\$. É 6 contos de Elvas (será para continuar?). É 40\$ da Maria Alida. É 50\$ de aumento de ordenado de uma Alice. É 500\$

nas capas do Monumental, quando da nossa Festa deste ano em Lisboa. E 10 contos, «para aplicar no que melhor entender, para honra e glória de Sto. António». E 500\$ da Covilhã, mais esta legenda:

«No início da construção de uma casa para nós (casal com 5 filhos) segue em vale de correio uma pedra (500\$00) para uma casa do «Património dos Pobres».

Dadas as dificuldades com que vamos construir a nossa não sei quando poderei enviar mais. Mas com a ajuda de Deus espero que outras se vão juntar a essa primeira.

Serão pela alma de meu Pai que, com a ajuda de Deus, tornou possível a compra do terreno para a nossa casa e para que o Senhor nos ajude sempre a lembrar, duma maneira especial, os irmãos mais necessitados.

Pedindo a Deus que abençoe todos aqueles que trabalham para minorar as misérias humanas, me subscrevo com toda a consideração.

Surtem na volta os das Casas por inteiro: 15 contos para a Casa Rosinha. O mesmo para a Casa do Senhor da Misericórdia. 2 vezes 16 contos para as Casas do John e do Zica, em acção de graças pelo seu regresso do Ultramar, onde serviram a Pátria. E 12 vindos da contribuição de todo o Pessoal da Fábrica de Rição e Tecidos de Lavadores.

Com este grupo pega já o dos Pessoais: É o do Grémio da Panificação com 345\$+172\$50. É o da Caixa de Previdência do Distrito do Porto com 105\$. Mais o da Caixa Textil com 265\$+300\$+280\$, relativos ao 1.º trimestre deste ano. E o Pessoal da HICA, com 1.776\$20 + 1.728\$80 + 1.729\$90 + 1.730\$80, desde Fevereiro a Maio, inclusivé.

É fecha esta jornada o grupo sempre mais numeroso das Casas a Prestações: A 4.ª prestação de 4 contos para o «Lar Cristão». 300\$ par a Casa de S. Carlos. A Casa do António e do Fernando fica em 16.500\$. 200+100 para a Casa das três Marias. As migalhas para esta casa somam 6.200\$00. 3x200\$ da Helena. 2x1.000\$00 para a Casa do Eduardo. Está em dia até Março, inclusivé. 900\$00 para a Casa Pai Américo. Não sei se uma, se duas vezes 500\$ para a Casa N. S.ª da Boa-Hora. 2.000\$ para a Casa Carolina. 1.000+1.000 de M. M. - A. L. Mais 4.000 de L. «para continuar a Casa que gostaria fosse para um casal

de velhinhos, em memória de meus Pais». Mais 1.500\$ de Alguém muito amigo do Banco de Angola. Três presenças do Assinante 6790. Esta carta:

«Estes dois mil escudos que junto envio destinam-se ao «Património dos Pobres». Desde há muitos anos que tenho tido a ambição de possuir uma pequena casa, o que, com as economias de dezasseis anos de trabalho, consegui agora realizar. Sentir-me-ia no entanto culpada de injustiça se me regozijasse com o facto sabendo que tantas e tantas famílias vivem em condições de habitação infra-humanas. Eis porque me impus a mim própria o dever de proporcionar a outros o mesmo bem que para mim sonhei. Assim Deus me ajude a cumprir aos poucos o propósito».

100+1.500\$ do casal assinante 28562. E ficamos de acordo conforme as contas propostas em sua carta de 30 de Janeiro. Quatro presenças da Mãe que crê em Deus. Quatro achegas de 1.500\$ para a Casa Crucifixão. A Casa de S. Bernardo cresceu em três etapas 1.500\$. 500\$ para a Casa sem Nome. 100 + 150 + 100 + 200 para a Casa do meu Pai. Seis prestações para a Casa Rodízio na totalidade de 816\$10.

E mais esta carta de um velho correspondente:

«Junto 6.000 escudos que destino ao «Património dos Pobres. Tomei o compromisso de contribuir c/ 24.000\$00 para a construção de 2 casas: Maria Santíssima e S. Carlos. Escolhi o dia de hoje ou melhor a semana da Paixão para dar início à sua construção. Espero desobrigar-me deste compromisso até fins de 1968. É possível que nessa altura já tenha assumido outro

Uma notícia triste

Triste, sim. Ao invés de outra, alegre, que aqui se repetiu sete vezes ao longo de vinte e quatro anos: O nosso «Morris» morreu!

Ele há gente que ainda nos pergunta pelo «Morris» como se inquirere da saúde de uma pessoa de família. Pai Américo, assim o assumiu, com o querer tanto ao companheiro de milhares e milhares de quilómetros ao serviço dos Pobres; de tantos, que foi até quase no termo de uma destas viagens que principiou o fim de sua vida!

A história teve o seu 1.º capítulo quando, há 24 anos, em plena guerra, tempo de racionamento até de carros, Pai Américo foi ao então Representante da marca pedir que lhe vendesse um, depressa. Dessa vez veio logo e dado.

O 2.º capítulo começou na troca do primeiro carro. Pai Américo fê-la no Porto no Agente de então. Entregou o velho. Ajustou-se o valor da troca. E, quando ia pagar a 1.ª prestação soube do Agente que o Representante dava a conta por liquidada. E deste recebeu Pai Américo este recado: «Quando fôr tempo de trocar o carro, venha falar comigo».

Os outros cinco capítulos da história, foram muito simples: Chegado o tempo das «enxameças», ia o carro velho e vinha um novo.

Entretanto o Representante vendeu a sua firma. O 6.º e

o 7.º capítulos, já foram com o novo Representante e o último carro um bocadinho estrebuchado. Por isso mesmo o conservámos quanto foi possível e ele bateu o record de duração: seis anos e meio e 106.000 quilómetros. Numa casa de 7 motoristas foi uma lança em África!

Voltámos ao Representante, certos de que ia ser escrito o 8.º capítulo da história. Não foi. A história estava encerrada.

Está tudo muito certo e todos no seu direito. Nós só temos que agradecer os sete «Morris» que nos deram; ainda que o «Morris» do Pai Américo tivesse dado muito alento à marca e lhe foi, com certeza, uma benção ao longo destes anos.

Mas para nós, o «Morris»-quase pessoa de família» morreu. Se viesse outro, ele estaria já sob o signo banal do negócio. E até como negócio outras marcas se nos oferecem mais vantajosas.

De modo que o nosso «Morris» morreu. E ninguém calcula quão sensivelmente o sofremos, por sobre todo o significado material desta morte!

Visado pela

Comissão de Censura

OVO DE COLOMBO

Está pronto de nossas mãos. Falta coser e fazer das diversas folhas o livro que elas vão constituir. Isso será trabalho dos doentes do Calvário.

Por isso, o «Ovo», além do seu sabor intrínseco, leva estes temperos que lhe acrescentam paladar e vai ser delícia pela certa, para quantos o provarem.

Como aperitivo a despertar-vos o apetite, que eu tenho esperança de não demorarmos muito a saciar, aí vai esse pequenino trecho que eu acho uma das mais belas páginas de Pai Américo:

«A mãe era leprosa. Alguém, ao tempo, sabendo que a temiam e eu não, ofereceu-me o capital necessário para lhe fornecer tudo de tudo. Ela morava no vão de uma casa, rente às telhas. Puxei de um caixote de sabão e sento-me. Olho em redor. Muitos insectos.

Imundície. A lepra. Ali tudo era grande! Revelo que estou habilitado a procurar uma casa decente e pergunto se ela quer mudar. Que não. Aqui também se morre. Nisto, diz-me do filho que nos Lázarus lhe morrera. De duas filhas que tiveram igual sorte. Do seu marido que a abandonara e remata: — A minha cruz não está à vista. É muito mais do que a lepra. Eu queria respirar, tendo para isso retirado uma telha. Nem um postigo por onde entrasse luz e ar! Pergunto-lhe o que posso trazer na próxima visita e ela responde: — a comunhão. Traga-me a comunhão todos os dias. Não falte.

Faltava. Algumas vezes faltava. A hora. O lugar. As minhas ocupações. Ao tempo corria a fama de um padre de Coimbra que não tinha medo de contágios. Eu era motivo de curiosidade e muito perse-

guido. Sobretudo um homem, desconhecido, costumava acompanhar-me até à porta do edifício aonde a doente morava, sem nada dizer. Um dia arrisquei mais passos e sobe alguns degraus, mas não vai até ao fim. Por último foi. Uma vez dentro do cubículo, espreme-se para caber. Eu ia dar à doente a sagrada comunhão. Não há paramentos. Não há velas. Não há ritual. Não é sítio nem ocasião. Ali é o Calvário! O desconhecido, silencioso, mira de pé. A doente ergue-se na cama a meio corpo, aponta Jesus. Hóstia e impera: — Ajoelhe-se e adore. E o homem cai por terra! O desconhecido não subiu para isto. Ele era um dos que não acreditava, e cai por terra! Sabemos que não foi a palavra da leprosa. É, sim, a Presença Real de Jesus. Dessemos sem falar. Nunca perguntei a ninguém quem ele era. É mais perfeito ignorar, para viver de maior certeza».



Ter uma alma Pobre

Não basta conhecer a doutrina, é preciso vivê-la. Não basta apreciar a pobreza e descobrir-lhe a riqueza, é preciso ter uma alma de pobre. Teremos encontrado então a primeira bem-aventurança. Bem-aventurados aqueles que têm uma alma de pobre.

Queria mostrar-vos algumas das suas características. Apresentar-vos-ei o ideal. Não se trata ainda de comportamento ou de realização, mas é preciso olhar para o ideal.

Aquele que tem uma alma de pobre aceita-se como é, com os seus limites, as suas deficiências e os seus pecados. Apresenta-se diante de Deus como o publicano. Não julga os outros, como fazia o fariseu. É um humilde.

Aquele que tem uma alma de pobre é um doce. Não quer impor-se aos outros e menos ainda dominá-los. Compreende-os e não os con-

dena. Aceita-os tal qual são e supórta-os. Procura estar em paz com todos.

Aquele que tem uma alma de pobre tem o sentido dos pobres. Descobre-os, respeita-os. Quase que os inveja porque são mais pobres do que ele. Mas, sobretudo, põe-se ao seu serviço, protege-os, defende-os, quer absolutamente tirá-los de embarços. Então torna-se inventivo, torna-se quase apaixonado no seu amor pelos pobres.

Aquele que tem uma alma de pobre tem, simultaneamente, uma alma de apóstolo. Ama demasiado Deus e os seus irmãos para não sofrer ao pensar que muitos não conhecem o seu Pai, o seu Salvador. No entanto, sabe bem que não é ele quem converterá, mas Deus só.

Respeita a liberdade dos outros e não faz propaganda. Mas, através de uma vida e, nesta ou naquela ocasião, pela sua palavra, ma-

nifesta Cristo que está n'Ele.

Aquele que tem uma alma de pobre é livre. Dispõe de-la segundo o seu estado, segundo as circunstâncias e segundo as necessidades de seus irmãos. É livre.

As formas de sua pobreza serão muito diversas. Só uma coisa conta: Amar Deus e os seus irmãos. Então, dá-se totalmente. Nada pode pará-lo.

S. Francisco de Assis tinha uma alma de pobre. Mas S. Luís também. E todos sentimos que João XXIII tinha uma alma de pobre, ele que era Papa e vivia no quadro grandioso do Vaticano.

Quando meditamos nestas coisas, sentimos-nos longe, muito longe do Evangelho. Então, rezamos pela nossa conversão e pela conversão dos nossos irmãos. E não desejamos mais julgar alguém!

Mons. Alfred Aneel



Uma Carta

Há tantos anos já que assino «O Gaiato» e apenas alguns que comecei a lê-lo! Muitas vezes me tocam certos artigos... certas passagens, por vezes por muito simples mais comoventes. E muitas são as vezes em que me apetece dizer-lhes: «Um bem-hajam! Deus os proteja!», mas o tempo foge e passa! Mas, hoje, não será assim.

Li os versos «Alma, descansa, dorme!». Li, gostei muito, reli, fiquei a pensar, quem assim escrevia tão bem no jornal «O Gaiato»? Versos com sabor (pois hoje lêem-se coisas que se intitulam versos mas a que não consigo achar o sabor... será de mim?!). E depois é que vi por cima o título «Cantinho de Poesia» e fiquei encantada de saber que é um dos vossos rapazes, ainda com 18 anos, o Santos Silva, que nasceu Poeta, como dizem, como eu creio. Felicito-vos e peço-vos que o felicitem, que o acalentem! Que felicidade saber escrever assim!

Não tenho tempo para mais. Bem hajam!

Uma assinante qualquer

PATRIMONIO DOS POBRES

Cont. da PRIMEIRA página

dade das coisas, alegre e feliz com tão numeroso grupo e fêria tão magra. Repara-se nisto porque todos conhecemos casais que, «sem grupo», com casas e mais e mais, são desgraçadamente infelizes. Mas como conhecemos as causas, não nos surpreendem os efeitos. Oremos por eles.

Com o fim de obter mais receita e se construírem mais casas para pobres, lembrei-me, dentro daquele espírito: *em prol dos outros, à acção*, que cada grupo de cursistas fizesse no final da sua reunião uma «quete», que depois,

periódicamente, se enviaria para essa casa, a fim de ser utilizada pelo «Património dos Pobres». Com as importâncias recolhidas, seriam construídas casas onde fossem precisas e distribuídas segundo o critério de quem dirige o Património, como até aqui.

Se cada grupo de irmãos, que se reúnem semanalmente, entregar mensalmente, 50\$00 e se 500 grupos se reunirem, obter-se-á 25.000\$. Teríamos quase uma casa em cada mês.

Nas casas construídas com este dinheiro seria afixado como é costume uma pequenina placa com a legenda: «Casa Decolores». Assim será possível, sem esforço, construir um Bairro com as casas espalhadas por terras das Províncias da Metrópole, Ultramar e Ilhas.

Os «Cursistas» teriam mais uma actividade, como oportunidade de fazer bem sem olhar a quem, porque contribuíam para um caso «muito sério», com um belo sorriso voltado para Deus. Teriam ainda a possibilidade de quando passassem por aqui ou por além, encontrarem dentro dessas casas, que ajudaram a construir, alguém talvez ainda necessitado de auxílio material ou espiritual. Visitando esses irmãos, podemos fazer deles, de irmãos que são, nossos amigos; porque pelo abandono em que vivem e pela injustiça de que são vítimas, só pela graça de Deus que é Pai de todos, ainda podem olhar para nós.

Perdoe o tempo que lhe tirei.

Filhos ilegítimos?

Cont. da PRIMEIRA página

la e repõe quando remedeia e preenche os vazios da má actuação dos homens. Só assim ela é justa, refazendo também a Justiça desfeita.

Geração ilegítima?... Pois bem, saia a lei que a reconheça e a condene e a dificulte... e cuide logo de evitar que os frutos de tal geração caiam na corrente mortífera da ilegitimidade.

Alguém me dizia, há semanas, que Pai Américo entendia que muitas aplicações da Justiça, para que esta se não perdesse na dissolução dos processos, deviam ser feitas ao nível de Regedor. Não sei se tal foi ouvido textualmente de Pai Américo, mas é verdade que ele pensava assim. Um dia destes numa vila transmontana uma avó veio ter comi-

go em favor de seu neto. «Leve-o. Ele é filho da curiosidade. A mãe abandonou-o e está com outro homem e não diz quem é o pai deste». Não diz porque não quer. E não diz porque ninguém a obriga. Resta saber mesmo, se na terra (pequenina ela é!), o segredo daquela geração foi tal que não haja quem o saiba ou, ao menos, dele desconfie. Mas quem se preocupa com o assunto? O meigo é filho da curiosidade. E pronto... ninguém teve a salutar curiosidade de saber de quem é ele filho, para que conste no registo o nome do pai e da mãe — que é um direito seu, já que não veio ao mundo sem pai nem mãe. E então? Então, como a avó é velha é pobre e incapaz, deixe-se o pai no segredo, a mãe nos braços de outro homem e uma qualquer casa do Gaiato que o receba. E o Rapaz? Esse que cresça sem nome... e se acomode.

Será justo? Quem é capaz de o afirmar? No entanto a lei sanciona este estagnar fatalista com a sua omissão.

A filiação, por sua natureza, é uma figura passiva e, de si mesma, indiferente ao modo como foi produzida. Portanto

deveria ser libertada dos reflexos desfavoráveis que a geração ilegítima faz incidir sobre ela. E essa libertação tem de fazer-se à maneira de compensação, acautelando a sociedade do número desmedido de actos ilegítimos de geração e defendendo e fazendo valer os direitos dos que de tal modo de geração provêm.

Equiparar é um verbo cujo conteúdo significa já prestação de justiça. Não diga, pois, o legislador que «de nada serviria querer-se equiparar esta modalidade de filiação à legítima», porque não lutar por isso, desistir desta luta, só porque se não vence a totalidade dos escolhos, é uma demissão da lei naquilo que ela tem de mais fundamental, é a sua auto-desautorização.

Nós havemos de continuar enquanto pudermos e encorajados por várias vozes que nos chegam a dizer que não tenhamos medo de nos repetir. Mas creio já bastante estabelecida por estas considerações que temos vindo a comunicar-vos, a tese de Pai Américo, fora da qual não vejo forma de tomar o ponto de vista da Verdade: Não há filhos ilegítimos; os pais é que o são.

Mas se encontrar mérito nesta ideia aproveite-a. Nesta altura entregó na Secretaria do Montepio Geral, pequena importância para a 1.ª pedra da 1.ª casa do Bairro «Decolores». Que ela possa ser a semente, «a boa semente do Evangelho».

Que hei-de eu dizer, senão um assim seja, com todo o meu coração?!

AQUI, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

«amisolas «feitas por uma avózinha de 89 anos»; o segundo relativo à oferta de 17\$50, acompanhada das seguintes palavras: «envio estes tostões, deram-me as minhas colegas numa fábrica onde trabalho, e peço muito as vossas orações para todas e Deus lhes dê muitas graças e que se aproximassem de Deus, muito obrigado». Para quê comentários? Deixamos às expressões nuas o odor natural da sua própria vivacidade. Apenas: Deus seja louvado!

Padre Luiz



PELAS CASAS DO GAIATO

Lar do Porto

Bastante tempo decorreu já, desde as últimas notícias desta casa, porque o nosso poeta-escriptor cheio de sonhos e maravilhado com a vida despreocupada que levaria, se pôs ao fresco. Graças a Deus, temos estudantes mais do que suficientes, para manterem uma contínua troca de correspondência com a Redacção de «O Gaiato» mas, infelizmente a caneta pesa-lhes muito e não se atrevem a pegar nela, nas horas livres. Como tal, e para que não se esqueçam de nós, resolvi pegar eu mesmo na caneta, (oxalá pegue na moda) e dar-lhes algumas notícias.

● **Estudantes** — Quanto à vida estudantil dos nossos rapazes, não há queixas apesar de alguns andarem engasgados com as espinhas das ciências e Matemática, que se lhes cravaram acima do pescoço.

● **Tropas** — Esta nossa casa, também dá a sua quota para o exército e como tal, o nosso Márto partiu para Aveiro para cumprir o serviço militar. Daqui a pouco vamos vê-lo metido na sua farda nova, fazendo vistão a todos os seus colegas antigos.

Agora, agora vem a parte mais difícil de escrever, para mim; no entanto jogo à sorte.

● **Pedidos** — Temos muitos a fazer, no entanto um só nos preocupa de momento. Temos um rinque, onde até há poucos dias se jogava a bola, mas como, a dita fugia para os canteiros de flores e ia beijar os vidros de quando em vez, à cautela, fechamos a bola, não fosse ela tornar a fazer das suas. Mas agora, é vê-los, (os rapazes), tristes e desolados, sem entretenimentos com que passar as suas horas de ócio. Faltam os patins. Na sala de jogos, temos ping-pong e bilhar, mas os tacos e as bolas, resolveram fazer greve de maneira que a rapaziada não sabe o que fazer. No entanto, temos confiança em vós (leitores), e cá esperamos então que a semente gere o seu fruto, e sejamos servidos.

E assim, despeço-me até à próxima quinzena.

Raul Dias Costa

Paço de Sousa

Estava a ver o que havia de escrever, pois que o nosso cronista efectivo quiz passar-me a «pasta», quando surgindo-me em reflexo por uma janela, vi a beleza cativante e sedutora da nossa aldeia.

É verdade queridos amigos! Nesta época primaveril é alvo de tanta beleza que nos cativa e, leva ao sonho puro da realidade da natureza. E talvez, levados por tão linda época e pelo amor que nos têm muitos professores e professoras de variados colégios e escolas, deste jardim da Europa à beira-mar plantado, escolhem para passeio com seus pupilos

esta época. Cito isto por um motivo muito especial e para que não fique na incógnita vou dizer-vos:

Aqui há dias veio até junto de nós precisamente uma dessas professoras que nos pediu se possível, as letras das canções do elenco da nossa opereta. A princípio o dito não tem grande importância mas, quando disse: «é para ensinar aos meus alunos», então sim, compreendemos a finalidade onde ela queria chegar.

Pois ficamos muito contentes com a boa vontade e acrescentamos se o pouco que fizemos poder vir a contribuir para o bem desses, já nos dizemos felizes.

Mudando de assunto e aos que gostam de estar a par com as actividades desportivas do nosso meio, digo-lhes que ultimamente o nosso grupo tem praticado bons resultados mas parece-me que se contam pelos dedos as derrotas, será por falta de chuteiras?!...

A este caso, só o Carlitos pode responder!

● No passado mês de Maio tivemos muita actividade na tipografia, o Júlio que diga!

● Na nossa quinta já se notam melhoramentos, pois o Sr. P. e Zé comprou uma máquina que não só corta o centeio, trigo, etc., como também pratica outras e variadas serviços.

● O casal Serafim e Maria José está de parabéns pois a sua pequenina pérola já vai fazer um ano! Que linda e sorridente ela está!

● A malta cá já suspira por «Praia»! Bem, de facto já faz um lindo calor. Vamos a ver se neste fim de mês já podemos lá por um «pézinho». Já estamos a arder em desejos!...

Quero terminar dizendo-lhes que vou fazer os possíveis para que este cantinho da crónica de «Paço de Sousa» seja mais assídua, vibrante e não caia no esquecimento pois sei que muitos, ou melhor, todos gostam de todas as quinzenas ler esta dita.

Por isso, aqui me tereis sempre que possível!

P. S. — Em nome do António F. Leite, aproveito para agradecer aos nossos amigos que enviaram relógios, pois já estão a fazer um geitão. São por agora dois. Um serve actualmente na cozinha. Outro numa casa de repouso. O nosso muito obrigado.

José Ferreira

BELÉM

Um filme — Aqui há dias vieram cá dois Senhores Padres das Missões Combonianas, passar-nos um filme. Foi num sábado, pelas 5 e meia. A história tratava de um menino muito pobre chamado Badalá que tinha um burrinho chamado Bim e era muito trabalhador. Lá naquela terra cada menino tinha o seu burrinho. Havia outro rapazinho muito rico filho do Califa, que se chamava Mensaude. Também tinha um burro mas era mais

preguiçoso. Este, vendo que o animal do pobre era trabalhador, queria lho tirar. Como não conseguiu, chamou os soldados que guardavam o palácio e, como era um contra dois mais fortes tiraram-lho. Badalá chorou muito, pois gostava muito dele e andava sempre a ver se o conseguia apanhar, pois era dele.

Numa tarde, subiu o muro do palácio, mas os soldados viram-no e levaram-no para a cadeia. Então, o Mensaude viu o mal que tinha feito e arrependeu-se. De noite estava um soldado a guardar a cadeia, mas começou a dormir e e tinha a chave na mão. O Mensaude com muito jeito tirou-lhe a chave e abriu a porta. Quando foram ao matadouro buscar o burrinho já lá não estava porque os ladrões nessa noite já o tinham levado. Então Badalá e o Mensaude foram chamar os companheiros e foram atrás deles. Alguns iam em coches e os outros seguiam-nos a correr para ver se os apanhavam. Entretanto os ladrões chegaram primeiro ao mar e meteram-se num barco. Estes já iam muito distantes quando os amigos de Badalá chegaram ao mar meteram-se nos barcos que os apanharam. Os ladrões muito aflitos deitavam os pequenos ao mar, e então Badalá lembrou-se de uma faca que o Mensaude lhe tinha dado quando estava na cadeia. Então corta a corda de que segurava a vela do navio, que caiu em cima dos ladrões. Em seguida levaram-nos à justiça para os julgarem. No fim cantámos algumas canções e agradecemos pois foi muito bonito.

Sãozita

Conferência do Lar do Porto

Estimados leitores, a minha conferência neste jornal de que não disfruto já há longos meses, é atenuada pelo caos que invadiu a nossa conferência, fazendo perigar a sua existência. Como tal, estabeleceu-se novo método, aliás bastante eficaz, que rege todos os problemas, se todos nós o acatarmos rigorosamente. Assim, como um ser que vem ao Mundo pela primeira vez, aí temos a nossa conferência, cheia de vivacidade, e orgulhosa de seus obreiros. Logo de início, o primeiro problema nos surge e, como a solução se nos torna custosa, resolvemos apelar para os leitores amigos, e ver se eles o solucionariam.

Os nossos pobres, a quem a miséria invadiu as casas, vivem amargos e custosamente, sem o necessário para eles e seus filhos.

É um que precisa de uma bengala, e uma funda, objectos indispensáveis à sua doença; outro que não tem colchão, nem cobertores, que dorme numa enxerga, vestido como anda; outro ainda que não tem roupa para seus filhos, ainda nos verdes anos da sua atribulada vida, etc. Ora a nossa conferência, não tem tudo o que lhes faz falta. É certo que o dinheiro e a mercearia, que estipulamos para todos eles, lá lhes chega todos os fins de mês, e a visita do seu confrade não se faz esperar também, mas que mais lhes podemos dar, o não ser uma ou outra palavra de conforto ou carinho? Antes de mais, queria dar uma sugestão, muito minha, para lançar uma subscrição a todo aquele que nos lê. Se todos fossem guardando aquilo que nenhuma falta lhes faz, e mandá-las aqui para a nossa conferência, não seria melhor do que andar a esbanjar, sem preciso? Acaso não há por aí tanta gente que precisa da ajuda destes seus irmãos, sem olhar a quê? Não poderíeis vós,

socorrer assim, todos os infelizes, que sem eira nem beira vagueiam por esse Mundo de Cristo? Estender a mão à caridade, não é vergonha alguma, é vergonha sim, para todos os que se vangloriam de ser ricos, sem repartirem algum pelos pobres.

Eu não queria, de maneira alguma ser-vos maçador, quiz expor-vos apenas sumariamente, os riscos que os nossos pobres correm na sua vida.

Raul Dias Costa

MIRANDA DO CORVO

● **Oficinas** — A oficina de carpintaria está já a funcionar nas novas instalações. É um salão que é uma categoria. Faltam só os acabamentos. Os carpinteiros andam todos contentes. Mas o que eu lhes recomendo é que se despachem, pois necessitam de trabalhar muito e bem para merecerem a boa oficina que agora têm. No andar imediato está em obras a mercenaria. Esta oficina é um segundo aperfeiçoamento da carpintaria. Mas para acabar esta obra exige ainda muito trabalho, muito esforço, e muito dinheiro! Por isso os nossos amigos leitores não deixem de mandar para cá as suas ofertas e os seus trabalhos.

● **Lavoura** — A fruta começa a amadurecer, e já tem havido dores de barriga. Já andamos a comer cerejas há muito tempo. As ameixeiras estão a partir com a carga. A ainda agora o Elísio veio dizer ao Sr. Padre Horácio que partiu mais um ramo grande. O Sr. Padre Horácio disse que é Deus a fazer a poda.

Quando as ameixas estiverem maduras é que vão ser dores de barriga.

● Andamos a sarchar o milho, e o feijão, e, já sachámos as batatas. Começámos já a arrancar as batatas. Contamos ter boa colheita.

● **Futebol** — Ultimamente têm-nos visitado algumas equipas dos arredores e os nossos tem dado o que é jogar futebol, pois ainda nunca perderam, mas melhor seria ainda se os nossos tivessem equipamento completo, é falta de chuteiras, é falta de joalheiras para o guarda-redes, e é falta dum equipamento melhor que o que temos já é velho. Portanto os nossos leitores se puderem arranjar alguma coisa destas fico-lhes muito grato.

Fonseca



A Filha do Humberto, de Coimbra. Que linda!

BENGUELA

Estimados leitores e amigos do Gaiato, em primeiro lugar as nossas íntimas saudações a todos quantos amam esta nossa Obra.

● **Obras** — Amigos a nossa Casa-Mãe está a terminar e é todo o meu gosto dizer-vos que há pessoas que dizem que parece um milagre e não há dúvida que é um autêntico milagre. Contruída por todos nós, construída por quantos amam a nossa Obra, construída por quantos aqueles que amam a Deus, porque uma vez que amam a Deus do mesmo modo amam os filhos da miséria mundana e infelizmente esta Angola que tem tanta miséria semiada no seu coração, miséria esta que é fruto dos homens.

Como acima digo a nossa Casa-Mãe está a dar por acabada, mas uma coisa é certa! Ela anda muito longe de ser paga e só será paga com a ajuda do vosso amor e auxílio. Se todos vós ajudardes um pouco, será fácil pagá-la. Todas as verdades não se escondem e como não se escondem, é bem verdade que todos vós tendes contribuído para que a nossa Obra ande sempre para a frente.

Desde já fica aqui assente o nosso muito obrigado às seguintes casas comerciais e Empresas. Começamos já pela «Lupral» que nos têm recebido sempre com os braços abertos. Segue-se o «Nunes Freitas», «Electro das Beiras», «Armado Lopez» «A Industrial do Frio» «Congeladora Lda», «Fonseca & Irmão», «Martins & Martins», «Aguiño da Fonseca», «Fernandes Martins», «o talho Ramiro Bento». Continuamos a agradecer às seguintes casas: Simões Coelho, Companhia de Combustíveis do Lobito, Companhia dos Cimentos de Angola, Companhia dos Gases Comprimidos, Robert Hudson, Drograria Caponte, Drograria Central, Padaria Oliveira Simões, Fonseca e Araújo, agradecemos também à Carpintaria Benguela mai-la sua simpatia que têm tido para com nós. Agradecemos de um modo geral a todos os Senhores e Senhoras que de qualquer forma ajudam esta nossa Obra, mais uma vez muito obrigado a todos.

● **As Festas** — Amigos leitores, já começamos os ensaios para as nossas Festas. Mais uma vez vamos pisar bastantes palcos do Sul de Angola, mostrando aquilo que na realidade somos. Há alguém que com o seu amor à Obra da Rua já começou a ensaiar-nos. É preciso gritos, aborrecimentos, cansaço, mas não faz mal. Depois tudo isto será recompensado em alegrias. Uma grande surpresa...

● O pão que nós comemos já não era pago desde Agosto e não é preciso ter vergonha de dizer isto, porque não tínhamos dinheiro. Juntaram-se algumas mães de filhos Benguelenses e porque são mães sabem muito bem que o pão é um grande problema. Não é preciso dizer mais nada. Só é preciso dizer que foi tudo muito em silêncio, só elas e Deus é que entravam em conferência e foram pelas ruas da cidade pedindo dinheiro para nos pagarem o pão, eram cerca de 30.000\$00. O Sr. Padre Manuel quando ia para pagar uns meses, disseram-lhe que já estava tudo pago que tinham ido lá umas Senhoras pagar, neste momento. Ele sentiu muita alegria e só teve um remédio que foi pedir a Deus pelas almas daquelas mães, daquelas mães que sentiram que o problema do pão que é muito grande e lá foram com sacrifícios e amor à «Obra da Rua».

Em nome do Senhor, muito obrigado.

António Augusto



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE